

RESENHA

BRAZ, Marcelo (org.). *Carlos Nelson Coutinho e a renovação do marxismo no Brasil*. São Paulo: Expressão popular: 2012. 432 p.

UM INTELLECTUAL NA BATALHA DAS IDEIAS

Com organização de Marcelo Braz, a editora Expressão popular, detentora de um já elogiável catálogo dedicado à reflexão de esquerda, publica uma justa homenagem de diversos colaboradores a um de nossos mais importantes intelectuais brasileiros contemporâneos, Carlos Nelson Coutinho. O ensejo para o livro não foi o seu falecimento precoce, em 20 de setembro de 2012, mas sim um seminário internacional em sua homenagem, planejado para junho de 2013. Os textos presentes nesta obra coletiva foram compostos antes do falecimento de Coutinho e vários deles constituem materiais para discussão no referido seminário.

Como somos informados logo no início, o livro foi pensado como um relato da importância de Coutinho nos campos da cultura e da política brasileiras. No entanto, o empreendimento vai muito além e oferece um retrato de corpo inteiro, abordando todos os escaninhos da multifacética obra coutiniana. Amigos, discípulos e companheiros de luta aglutinam esforços em um trabalho dividido em cinco partes: “testemunhos”, “as ideias marxistas”, “a análise marxista do Brasil”, “influência na educação e no serviço social” e “entrevista”.

Na primeira parte, Leandro Konder, em texto de 1990, analisa a jornada teórica e política de Coutinho, evidenciando as principais preocupações e contribuições do militante marxista nos debates sobre cultura e política. Aloísio Teixeira traça o contexto histórico e político das décadas de 1950 e 1960, no qual se deu a formação dos

* Cientista social pelo Centro Universitário Fundação Santo André e mestre em história pela PUC-SP.

intelectuais da geração de Coutinho. De cunho mais pessoal, as contribuições de Michael Löwy e Milton Temer focam sua relação com o pensador baiano, enfatizando afinidades e discordâncias, teóricas e políticas. É de se notar que, mesmo nos relatos mais focados na relação pessoal dos autores com o homenageado, sobressaem as características públicas próprias que delineiam o perfil combatente de Coutinho.

A segunda parte é iniciada por um rico painel da obra coutiniana, no qual José Paulo Netto fornece informações valiosas, tais como pseudônimos utilizados durante a ditadura, referências de artigos pouco conhecidos etc. Netto toma por objetos centrais a qualificação marxista de Coutinho e possíveis angulações para a avaliação de sua obra, a qual julga apresentar, em última instância, unidade. Celso Frederico destaca a particularidade não acadêmica da formação da geração de Coutinho e seu papel renovador no campo da esquerda, primeiro nos debates sobre cultura, com destaque para a assimilação crítica dos trabalhos do filósofo húngaro Georg Lukács, e depois na esfera política, munido da obra carcerária do pensador italiano Antonio Gramsci. Giovanni Semeraro discute o papel de Coutinho na difusão do comunista italiano no Brasil. Entram aí traduções, iniciativas editoriais, atividades acadêmicas, relações nacionais e internacionais e, por fim, a produção teórica sobre a obra de Gramsci. O autor aponta a afinidade metodológica entre Coutinho e o pensador sardo no trato da realidade nacional e no plano da edificação democrática do socialismo. Finda sua contribuição realçando a importância de Coutinho como intérprete de Gramsci e intelectual orgânico. Henrique Wellen e Ranieri Carli abordam o momento lukacsiano de Coutinho, particularmente suas apreciações de Franz Kafka, Marcel Proust, Lima Barreto e Graciliano Ramos. Mavi Rodrigues conclui esta parte repassando a obra de Michel Foucault à luz de *O estruturalismo e a miséria da razão*, escrito por Coutinho no início dos anos 1970, evidenciando o acerto do filósofo baiano mesmo em relação à obra de Foucault posterior à discutida no livro. Rodrigues ressalta aí a fertilidade da apreensão precoce dos lineamentos ontológicos da obra de Lukács.

Na terceira parte Virgínia Fontes focaliza a abordagem coutiniana das questões da democracia e de seus fundamentos. No primeiro caso, mostra a importância da tematização da revolução burguesa no Brasil, realizada com os conceitos de via prussiana e revolução passiva. Já no segundo, problematiza a correlação entre socialização das forças produtivas e socialização da participação política. Marildo Menegat analisa Coutinho como um autor de perfil duplo: renovador em relação ao marxismo-leninismo no interior do PCB e intérprete da derrota da esquerda diante da ditadura. Adotando o marxismo ocidental de Lukács e Gramsci, Coutinho não

teria apenas sintetizado desafios típicos da esquerda, mas realizado uma análise fértil da realidade brasileira e das transformações do capitalismo contemporâneo. Sobressai aí a figura do revisionista ou renovador, no tratamento de temas como democracia, política e caminho brasileiro para a modernidade. Marcelo Braz lê *A democracia como valor universal* no contexto histórico em que veio à luz e no interior do conjunto da obra de Coutinho, sustentando a tese de que as ideias aí defendidas tentam superar dialeticamente o debate dos comunistas aberto desde 1958-60. Rodrigo Castelo comparece com uma discussão sobre o tema do neoliberalismo. O autor enfoca a abordagem de Coutinho sobre o tema, na qual destaca as noções de contrarreforma, revolução passiva, pequena política e transformismo, ainda que discorde do filósofo baiano acerca da melhor conceituação do fenômeno em questão. Essa parte do livro é concluída com a participação de Eduardo Granja Coutinho, que toma por objeto a tematização coutiniana das repercussões culturais do modelo das transformações sociais do Brasil. O autor foca as relações existentes entre o caminho prussiano e o antirrealismo em nossa literatura e a que há entre a revolução passiva e a falta de integração entre a figura do intelectual e o povo.

Na penúltima seção, Gaudêncio Frigotto apreende a contribuição de Coutinho para a área da educação sob duas formas básicas: sua concepção de realidade social e o método materialista histórico de analisa-la; suas obras mais utilizadas na reflexão sobre a educação. Nessa dupla empreitada, a área em questão emerge como aspecto importante na luta pela hegemonia nas sociedades divididas em classe. Já Ivete Simionatto aborda a aproximação do serviço social brasileiro ao pensamento de Gramsci por meio do trabalho de Coutinho. Trata-se, na visão da autora, de um dos momentos mais importantes da renovação do serviço social nas últimas três décadas. Simionatto traça um breve histórico da introdução das obras de Gramsci no país e do diálogo de Coutinho com o serviço social.

Na última parte do livro é reproduzida uma entrevista concedida por Coutinho, no ano de 2000, a Marcos Nobre e José Márcio Rego. Nela o leitor tem a oportunidade de obter, através de fonte privilegiada, o quadro da jornada de formação intelectual e política de Coutinho. Ficam sinalizados aí os momentos centrais de modificação de referenciais e perspectivas do autor, em particular o abandono dos parâmetros ontológicos da obra de Lukács em nome dos norteamentos gramscianos e eurocomunistas. Tais mudanças evidenciam o perfil de um pensamento em constante mutação, não em função de volteios intelectuais submissos às tendências em voga, mas sim de transformações drásticas no contexto histórico-político. Além de tornar clara a posição de Coutinho sobre temas pouco presentes em sua obra,

tais como religião e linguagem, a entrevista traz para o centro do debate posições importantes em sua produção, como a necessidade da arte, a perenidade da política e o revisionismo como a essência do método marxista.

Embora os diversos autores não tenham a pretensão de oferecer um tratamento conclusivo acerca da obra de Coutinho, seu esforço coletivo constitui para os leitores uma rara oportunidade de travar contato com as contribuições coutinianas para áreas diversas como estética, cultura, filosofia e política. É de se notar que, nos diversos artigos que compõem o livro, não se recorre ao elogio fácil ou à defesa incondicionada do homenageado, perigos constantes nesse tipo de trabalho. Ao longo dos textos nota-se a presença de críticas de diversos calibres, do tópico ao fundamental.

Como nota final, destaque-se que a percepção da relevância do pensamento de Coutinho nos cenários político e cultural da esquerda brasileira, possível com a leitura do livro, pode despertar o interesse de pesquisadores para um estudo mais sistemático, o qual, diga-se de passagem, parece já ter se iniciado.¹ Desse modo, o legado do filósofo baiano pode contrabalancear o sentimento e o peso de sua perda.

Recebido em março de 2012; aprovado em maio de 2012

1 A esse respeito, ver: Ricardo Rodrigues Alves de LIMA, *Via prussiana, revolução passiva e revolução pelo alto: estudo de uma hipótese marxista sobre a particularidade do caminho brasileiro ao capitalismo*, Marília, UNESP, 2003; Felipe Toledo MAGANE, *Crítica ontológica à teoria da democracia como valor universal de Carlos Nelson Coutinho*, São Paulo, PUC, 2007; Adriano Nascimento SILVA, *A via democrática para o socialismo na obra de Carlos Nelson Coutinho*, Recife, UFPE, 2003; Vladimir Luis da SILVA, *Via prussiana e revolução passiva no pensamento de Carlos Nelson Coutinho: transposição ajustada ou decalque*, São Paulo, PUC, 2012.